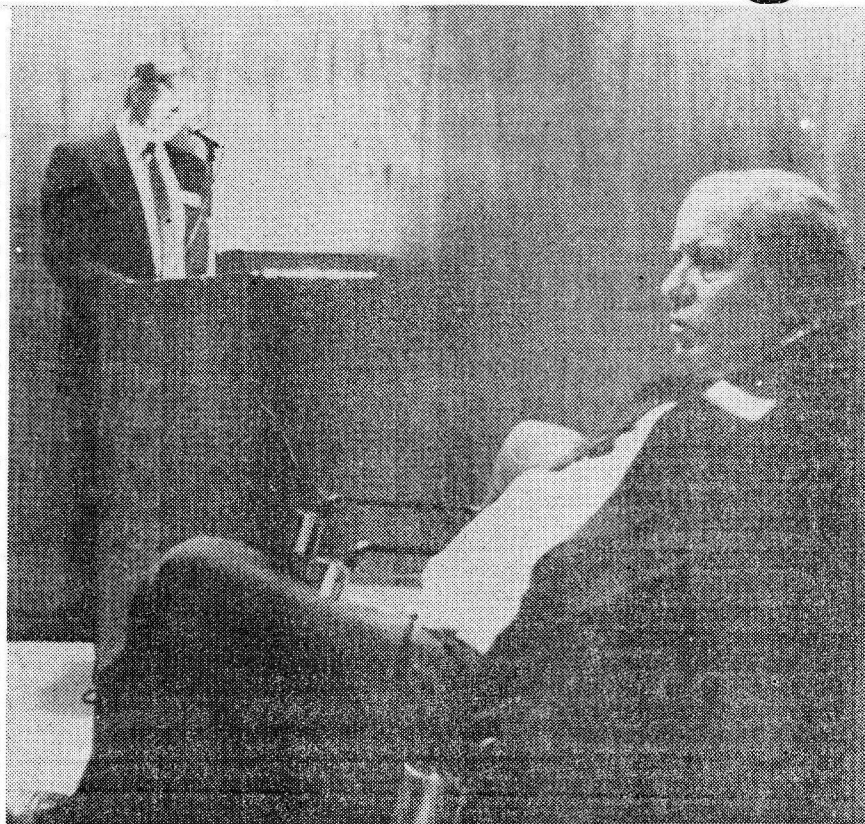


Uma 'aritmética desagradável'

RIO
AGÊNCIA ESTADO

Mesmo que o Brasil consiga recuperar o acesso ao mercado financeiro internacional voluntário, terá de enfrentar uma "aritmética desagradável" nos próximos anos, ligada à questão da sobrevivência dos países devedores, disse, ontem, o ex-ministro da Fazenda e do Planejamento, Mário Henrique Simonsen. Isso porque, para pagar a dívida, o País dependerá, segundo ele, da quantidade de recursos vinculada ao crescimento das exportações e também das taxas de juros internacionais, duas variáveis que não podem ser controladas pelos banqueiros estrangeiros. "Não há provas de que os países devedores estejam insolventes, mas os bancos credores vão ter que fazer reservas de qualquer jeito", afirmou.

Simonsen foi um dos convidados pela Associação Comercial do Rio de Janeiro para o Seminário Anglo-Brasileiro, que debateu, ontem, questões como dívida externa, investimentos estrangeiros e privatização. De acordo com o ex-ministro, nos anos 70 as exportações dos países devedores eram altas e as taxas de juros internacionais estavam baixas, mas, na década seguinte, com a crise de liquidez destes países, o processo todo se inverteu. Em relação ao Brasil, ele disse que a transferência de recursos para o Exterior é extremamente elevada e que o País não poderia voltar a ser o mesmo tomador de empréstimos que foi nas décadas de 60 e 70.



Fernando Bueno

Simonsen: bancos credores terão de fazer reservas

A conversão de parte da dívida externa brasileira em investimentos não é a solução mais importante para os problemas do Brasil com seus credores estrangeiros, mas poderá

ajudar a resolvê-los até certo ponto. A afirmação, feita pelo presidente do Barclays Bank (é o segundo maior banco da Inglaterra), John Quinton, sintetiza o pensamento de muitos

empresários e diretores de instituições financeiras inglesas que se reuniram ontem, no Rio, também durante o Seminário Anglo-Brasileiro.

FAZ O QUE PODE

Embora considere "muito ruim" a situação dos salários, a economista Maria da Conceição Tavares disse, ontem, que o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, "está fazendo o que pode", tanto na política interna quanto na externa, e que "tirá-lo do cargo só pode piorar tudo". Relutando em fazer comentários a princípio — "as coisas estão tão ruins que não vale a pena falar de nada" —, Conceição acabou por dizer que "nem Deus pode recuperar a perda salarial total ocorrida desde o Plano Cruzado, simplesmente porque os empresários dizem que não vão vender se os preços não subirem, como fez a Autolatina".

SEM CREDIBILIDADE

O economista Antônio Barros de Castro, do Instituto de Economia Industrial da UFRJ, conhecido por suas posições contra as correntes conservadoras, defendeu ontem, no Rio, a adoção de um novo choque econômico, no estilo ortodoxo, que elimine o déficit público via maior arrecadação tributária e aumento das tarifas públicas.

Barros de Castro defendeu essa tese em palestra no IV Encontro dos Economistas do Rio de Janeiro. Na sua opinião, a eliminação do déficit, com a proibição de emitir novos títulos públicos e uma reforma monetária, impõe-se por causa da absoluta falta de credibilidade na moeda.